

A palestra será dividida em três blocos:

- O primeiro: O mundo complexo em que estamos vivendo
- O segundo: O chamado
- O terceiro: as ações, que nos desafiam nesta conjuntura atual

Mas quero antes agradecer o convite da Maria Tereza. Me sinto feliz de estar com vocês, também em memória da minha mãe, que entrou na Ação Católica quando jovem, quando tinha 19 anos. E depois a Ação Católica aqui no Brasil praticamente acabou e se criou a Renovação Cristã, na qual ela militou ativamente, de participar de reuniões até o ano passado, quando tinha 93 anos. E por isso estive já em várias reuniões, tanto em Belo Horizonte quanto em outros lugares com o grupo de vocês. E por uma outra coincidência hoje ela faria 95 anos. E como nasceu no dia dos mortos, a vida inteira desde pequena ela comemorava na véspera, no dia de Todos os Santos. Então espero que ela nos abençoe lá de cima.

Bem, pra cada um destes três blocos eu separei um texto do evangelho, que eu comento no fim.

(Bloco 1)

Para o Mundo Complexo, o texto é Marcos, capítulo 2, versículos 23 a 28.

Então, o tema do mundo complexo eu subdividi em cinco pontos:

1. A crise da modernidade
2. A hegemonia unipolar
3. A queda das utopias
4. A crise econômica
5. E os impactos na Igreja

1. Começando então pela crise da modernidade:

Cada época é marcada por um paradigma. Eu comparo o paradigma, como eu trabalho muito com movimentos populares, eu uso muito a metáfora. Comparo o paradigma com aquela coluna central do circo, que segura a lona. Se tirar a coluna o circo desaba. Durante mil anos, o paradigma do período medieval foi a fé, o que permitiu a Igreja exercer hegemonia sobre o período medieval. A partir do século XII, do século XIII, o período medieval entrou em crise, por vários fatores, desde a redescoberta do pensamento grego, Aristóteles, Platão, graças à presença dos árabes na Europa Ocidental, às navegações marítimas da península ibérica, e também à cosmologia de Copérnico e Galileu, que deslocou o eixo do mundo, aposentando a cosmologia de Pitágoras, que era muito adequada à Igreja. Porque Pitágoras colocava a Terra no centro do Universo e o Sol girando em torno da Terra. E isso coincidia com o princípio de que Deus só poderia ter escolhido um planeta tão importante como a terra, e tão estável, para nos enviar o seu filho. E de repente o velho Copérnico, que era um católico polonês, fez um exercício epistemológico, muito sugerido por Paulo Freire, mas que Jesus já havia feito antes, de em vez de colocar os pés na Terra, colocar os pés no Sol, ou seja, este é um exercício de Epistemologia muito importante.

A nossa cabeça pensa de acordo com o lugar social em que os nossos pés pisa. Por isso a gente tem sempre que se perguntar se somos capazes deste exercício copernicano de alguma vez na vida colocar os pés no lugar social do outro. E quando a gente faz isso, a nossa visão também se modifica.

Eu me lembro de um padre francês, do movimento Padre Operário na França, que veio trabalhar numa região aqui do Brasil onde eu me encontrava. Ele era acessor de um grupo de casais católicos e ele causava um grande constrangimento, porque a cada casa que ele ia ele queria saber da cozinheira a visão que ela tinha daquela família. E muitas vezes a visão da cozinheira não coincidia com o discurso dos patrões. Isso é que é este exercício epistemológico.

Então o Copérnico colocou os pés no Sol e viu tudo diferente. E depois, complementado por Galileu, por Newton e a astrofísica moderna nós sabemos hoje que habitamos um planeta na periferia de uma das 100 bilhões de galáxias. Somos um planeta iluminada por uma estrela chamada Sol que astronomicamente é tão vagabunda que é de 5a. grandeza. E sabemos que existem outros bilhões de planetas por aí, em torno das trilhões de estrelas, e possivelmente haja vida, não sabemos se humana, mas vida inteligente é até possível existir. Eu, pessoalmente acho que os extra-terrestres já se aproximaram da Terra, mas como de todos os equipamentos que nós possuímos aquele que consegue manda imagem mais distante é a televisão, certamente eles captaram os nossos programas e chegaram à conclusão de que aqui não há vida inteligente. Então, razão pela qual não se aproximaram mais...

Pois bem! Diante de todos estes fatores, o período medieval entrou em crise e portanto a fé. Os camponeses europeus da Idade Média regavam a terra, depois de semeada, com água benta comprada dos padres. E quando vinha a colheita, chamavam os padres para celebrar a missa agradecendo uma boa colheita. Ora... um dia apareceu um sujeito barbudinho, com um gorrinho, oferecendo de graça um pózinho preto dizendo: olha aqui, experimenta, em vez da água benta dos padres... você pode até por a água benta dos padres mas põe o pózinho que você vai ver que vai dar muito mais resultado. E o tal do adubo químico levou muitos camponeses a perderem a fé. Porque dava muito mais resultado que a água benta. E no início pelo menos, como toda droga, era de graça. Então, a crise do período medieval criou uma nova época, a época moderna, com um novo paradigma: a razão. O que predomina na modernidade, que a gente pode datar a partir do século XIV, XV, e a predominância da razão, com as suas duas filhas diletas: a ciência e a tecnologia.

Acontece que nós, que estamos nesta sala, nós somos uma geração que vive algo que os nossos avós e bisavós não viveram. As última pessoas que viveram o que nós estamos vivendo foram Michelangelo, Leonardo da Vinci, Teresa de Ávila, Descartes, Copérnico, Galileu, Cristóvão Colombo... Eles viveram o que nós estamos vivendo que é uma mudança de época. Os nossos avós e bisavós viveram épocas de mudanças, é diferente. Eles nunca viram o que nós estamos vendo, e o que estas pessoas que acabo de citar também viram: uma mudança de paradigma. Estas pessoas que acabo de citar viram o paradigma da fé perder força e o paradigma da razão ganhar força. Então veio a época moderna. Hoje, quando o paradigma da razão vingou, criou um grande incômodo pra Igreja. A história da Igreja mostra, como ainda no século XIX, o Papa Pio IX condenou o progresso, condenou a locomotiva, condenou a ponte suspensa... Quer dizer, a gente ri hoje porque não passa a vergonha que os católicos da época (os lúcidos) passaram. Ou seja, chegou a condenar a luz elétrica! Porque ela ia facilitar a disseminação do pecado. Porque as pessoas, podendo enxergar durante a noite, iam pecar mais do que antes, que não tinha luz então elas tinham que dormir, né?

Bem, este paradigma... O que nós estamos vivendo hoje é uma mudança de época. Nós estamos passando da modernidade para a pós-modernidade. E não sabemos ainda qual será o paradigma desta nova época que se inicia. Então todo desconforto que nos sentimos hoje, e isso que o Papa Bento XVI chama de relativização de valores, de uma maneira até muito pouco esperançosa, como se o mundo todo tivesse desabando, chegamos ao Apocalipse... Na verdade todo este desconforto é a passagem de uma época para a outra. E isto aconteceu também entre os séculos XIV e XVII, houve igual desconforto. A diferença é que naquela época havia um grande otimismo do iluminismo, da ilustração, frente aos avanços da modernidade, frente à hegemonia da razão, e da ciência e da tecnologia. Porque uma noite em Londres, um grande astro iluminou os céus da cidade, e um astrônomo no dia seguinte declarou que 77 anos depois este astro voltaria a iluminar os céus de

Londres. E muitos acharam que era lorota, maluco, como é que alguém, sem nenhum instrumento ótico, pode, fazendo cálculos algébricos em casa, à noite, pode prever o movimento dos astros nos céus, se eles são movidos pelas mãos de Deus?

(15:48)

Este senhor morreu antes dos 77 anos. 77 anos depois o astro voltou a iluminar o céu de Londres e foi batizado com o nome dele, Mister Halley, o cometa de Halley. Ora, se a ciência é capaz de prever o movimento dos astros nos céus, então a razão vai acabar com a peste, com a guerra, com a doença, com tudo, havia um grande otimismo. Só que nós, todos aqui nesta sala, filhos da modernidade, olhamos para trás e constatamos que a modernidade fracassou para a maioria da população mundial. Nós estamos a cinco séculos de modernidade, somos 7 bilhões de pessoas, das quais 4 bilhões vivem entre a miséria e a pobreza. Praticamente 2/3 da humanidade vive em função da subsistência biológica. Às vezes na Europa me perguntam como é a luta de vocês na América Latina pelos direitos humanos. Eu respondo: direitos humanos? Nós ainda estamos lutando por direitos animais: comer, abrigar-se do frio, do calor, educar a cria, é coisa de bicho e grande parcela da população latino-americana ainda não tem isso assegurado. Então é luxo falar em direitos humanos aqui. Nós estamos lutando para conquistar direitos animais, que é uma sobrevivência digna, enquanto bilhões de pessoas trabalham só em função da sua manutenção biológica.

Outro aspecto do balanço é o estupro de Gaia, como os gregos chamavam o planeta Terra. Nos últimos duzentos anos, a degradação que a nossa ambição de lucro causou na natureza fez com que hoje a Terra tenha perdido 30% da sua capacidade de auto-regeneração. O que significa isso? Se eu corto um dedo, eu vou conseguir dentro de pouco tempo auto-regenerar a minha pele. Este corte vai desaparecer, ou talvez deixe uma pequena marca, dependendo da gravidade. Mas se eu decepo um dedo, a menos que ele seja reimplantado na hora, ele não vai nascer de novo. E é isso que acontece com a Terra. Ou há intervenção humana, ou a Terra não vai conseguir se recuperar. Então não podemos dizer que a modernidade foi um grande sucesso, até porque a modernidade criou um sistema, que de tão cínico não esconde nem o nome, chamado capitalismo, que é a predominância do capital privado sobre os direitos humanos, que faz com que 80% da riqueza do mundo esteja em mãos de apenas 20 % da população do planeta. Exemplo mais chocante é que quatro cidadãos dos Estados Unidos, os senhores Bill Gates, Warren Buffet, Larry Ellison e um quarto que agora a minha memória não capta, possuem juntos uma riqueza equivalente ao produto interno bruto de 42 nações que abrigam juntas 600 milhões de pessoas. Então isso mostra como que o problema do mundo não é falta de riqueza, é falta de justiça.

Ora, essa crise da modernidade é saudável. Estamos passando para uma nova época, chamada de pós-modernidade.

(2. A hegemonia unipolar)

Essa nova época vem, e aqui eu já vou avançando pros outros pontos deste primeiro bloco, sob hegemonia unipolar dos Estados Unidos ou do sistema capitalista, uma vez que a bipolaridade produzida pela existência do socialismo desapareceu a partir de 1989. E com a hegemonia unipolar do sistema capitalista, já não há tanta preocupação de garantir os direitos sociais que antes eram incrementados como antídoto à ameaça comunista. Então, para que a Europa Ocidental não fosse toda contaminada pelo comunismo, era preciso conceder direitos aos trabalhadores, aos sindicatos, etc. Isto acabou. Já começa lá com a Margaret Thatcher, com a flexibilização das relações de trabalho. Antes você tinha uma empresa e você era responsável por todos os trabalhadores. Agora não, a sua empresa contrata subempresas, terceiriza, e você não tem que responder pela falta de direitos trabalhistas dos contratados, ou dos terceirizados pela subempresa. E a crise econômica na Europa mostra muito explicitamente duas coisas. Primeiro, que a saúde dos bancos é mais importante que a saúde dos pobres. Danem-se os gregos, danem-se os espanhóis, danem-se os

portugueses, irlandeses, e, quem sabe, virão outros? O importante é salvar o sistema bancário. Aliás eu não sei se tem algum grego ou grega aqui e não sei se vocês sabem, uma coisa que a imprensa não fala, uma das grandes razões da crise da Grécia é porque a Europa Ocidental resolveu transformar a Grécia em seu porto de férias. E portanto na Grécia não se pagava imposto. Então, claro, um estado que não recolhe imposto vai viver de que? Por que? Porque a presença estrangeira, principalmente da Europa Ocidental, era tamanha, que essa absurda isenção de impostos fez com que o estado grego primeiro vivesse na dependência de outros estados ou do fundo monetário internacional e dos vancos. E segundo entrasse em falência.

(3. A queda das utopias)

Agravado com isso, a queda do muro de Berlin representou algo muito grave. Se o socialismo não foi resposta para muitos anseios humanos, mas a queda do muro de Berlin representou algo muito grave que foi o fechamento do horizonte utópico. Eu vou usar uma frase que traduz bem o que eu quero dizer. Eu sou de uma geração que nos anos 60 havia muita droga, mas não havia quase ninguém dependente de droga. Por que? Porque era uma geração viciada em utopia. A gente não queria mudar o Brasil não, a gente queria mudar o mundo. A geração da liberação sexual da mulher, a geração da vitória do Vietnã sobre os Estados Unidos, a geração dos Beatles, a geração do maio de 68, a geração da primavera de Praga... Enfim, era uma época, nós éramos viciados em utopia! E eu estou convencido: quanto mais utopia, menos droga, quanto menos utopia, mais droga. Às vezes me perguntam: e qual é a solução pro problema das drogas? Sinceramente, eu não vejo outra solução, a não ser utopia. Aproveiro o parênteses para dizer algo ainda. Estou convencido de que todo dependente de droga é um místico em potencial. Porque alguém que descobriu que podem dar a ele um mundo de presente. Ele sabe que a felicidade está dentro. Ele não sabe é como produzi-la sem o recurso químico. E ele vende todos os presentes pra comprar aquilo que o leva a viver uma experiência subjetiva de felicidade. Todo drogado é um místico em potencial. A diferença é que ele entrou pela porta do absurdo e o místico entra pela porta do absoluto. Essa é a diferença.

Esta queda das utopias não só levou a um grave pecado político - isto sim o Papa devia denunciar! - que foi a deterioração da esperança. O tema de vocês é ter esperança. Quanto aquele imbecil do senhor Francis Fukuyama nipo-americano, funcionário do departamento de estado, que é o ministério de ações exteriores dos Estados Unidos, escreve um livro pra dizer que a história acabou. Ou seja, daqui, se o mundo ainda durar aí uns 10 milênios, estaremos sempre no capitalismo. Vai mudar a tecnologia, a ciência vai avançar, né, aqueles americanos que estão sendo hibernados lá vão levantar do túmulo, vão voltar a viver, enfim, acreditam nisso, gastam uma fortuna para ficarem congelados, né? Mas a história acabou... Isto é o fim da esperança. E toda a crise que nós estamos vivendo na juventude hoje tem a ver com isso. E eu explico porque que tem a ver com isso.

Nós, que estamos nesta sala, somos pessoas que descobriram a vida com um sentido, com um ideal. E é isso que nos mantém vivos e esperançosos. A vida pra cada um de nós tem um sentido. Ora, o sentido da vida, ele é causado pela percepção do tempo como história. E quem descobriu que o tempo é história foram os persas, e eles não produziram muitas obras de best-seller, quem levou a fama plagiou deles, foram os hebreus, que escreveram um livro maravilhoso, best-seller mundial chamado Torá, que nós chamamos de antigo testamento, onde a primeira página, apresenta um deus, naquele universo politeísta, chamado Javé e para se distinguir dos outros deuses do mundo politeísta, cada vez que ele se apresenta ele apresenta o seu curriculum vitae: eu não sou qualquer deus, eu sou aquele deus do Abrão, Isaac e Jacó, eu tenho uma história. E mais: Paulo, nas suas cartas, diz que a nossa fé é escândalo para os judeus e loucura para os pagãos e para os gregos. Por que loucura para os gregos? Porque o tal do Javé, segundo o relato da primeira página do Gênesis, criou o mundo em seis dias. Olha, segundo os princípios da filosofia grega, nos quais o meu confrade Thomás de Aquino se baseou para definir os atributos de Deus, um Deus é onisciente, onipresente e onipotente! Agora este pobre do Javé que pra criar o mundo leva seis dias, não dá pra acreditar! Porque um verdadeiro deus é que nem Nescafé, cria instantâneo! Ainda ficou cansado,

pegou a rede e veio pra praia aqui em Fortaleza no sétimo dia! E descansa até hoje. Isso pro grego é loucura! Como é que vocês acreditam em um deus que precisou de seis dias pra criar o mundo? O que os gregos não perceberam é que o autor do Gênesis, antes de Marx, e antes de Paulo Freire, que diziam que a história começa com a intervenção do ser humano na natureza, o autor bíblico mais avançado que Marx e Paulo Freire já dizia que há uma historicidade na própria natureza que antecede o aparecimento do ser humano, que só acontece no sexto dia da criação. Isso é fantástico. E toda a nossa cultura ocidental foi construída em base a esta historicidade, graças a três famosos judeus. Pela ordem - herdaram este paradigma: o tempo é história - o primeiro judeu, Jesus de Nazareth, que vem e diz, eu sou discípulo de Javé, o mesmo deus de Abrão, Isaac e Jacó, e o meu projeto é construir o reino de Deus, que na cabeça de Jesus não estava lá em cima, estava lá na frente. A Igreja é que foi colocando lá em cima, pra dizer que não adianta a gente lutar porque o mundo é isso mesmo, e, principalmente dizer isso pros pobres e oprimidos, as compensações serão lá na mansão celestial. O credo em português fala na mansão celestial. Eu tenho uma raiva desta tradução, porque quando eu penso em mansão eu penso nos bairros mais ricos de São Paulo. E cada um vai ter uma grande casa confortável com piscina lá no céu, né, mansão celestial.

Jesus tinha uma profunda percepção do tempo como história. E isso marcou a cultura ocidental. Depois, Marx, que também era judeu. Quando Marx faz toda a crítica da história universal, ele começa lá no paraíso primitivo, que curiosamente coincide com o paraíso bíblico, e vai vindo analisando todos os modos de produção até chegar no capitalismo pra abrir o horizonte pro socialismo e o comunismo. E qual é o terceiro judeu? O velho Freud. Quando você vai no terapeuta, se você puder contar a sua história intra-uterina, isso vai facilitar o resgate do seu passado para no presente você se equilibrar para ter melhor saúde no futuro. Isso o neo-liberalismo está pondo abaixo. E termino: o jovem, o cristão que não tem percepção do tempo como história, não consegue ter projeto de vida, nem conjugal, nem profissional, nem espiritual, porque ele acaba caindo no ciclo grego do neo-liberalismo, em que tudo se repete. Assim os gregos pensavam, que o tempo é cíclico. E nós estamos presenciando isto hoje, principalmente com a influência das imagens. Nós saímos de uma cultura literária para uma cultura imagética. E a imagem tem o poder de embaralhar os tempos. Você pode ver o enterro do Papa João Paulo II esta noite na televisão e em seguida você vai ver ele vivo, visitando a América Latina. Então a imagem também contribui para quebrar a percepção do tempo como história.

(36:44)

(4. A crise econômica)

Este é o mundo complexo no qual nós vivemos, hoje afetado por uma forte crise econômica, que alguns dizem que ela é estrutural, ela não tem remédio, ela só tende a se agravar. E que, querendo ou não, os nossos governos, que antes falavam que não deviam intervir na economia, agora intervêm todos os dias, vão ter que aceitar alguma mudança neste modelo econômico.

(5. E os impactos na Igreja)

E diante disso, a Igreja católica se encontra num profundo impasse, porque ela sequer chegou na modernidade e nós já estamos entrando na pós-modernidade... Eu poderia dar muitos exemplos, e eu dou um: qual é a estrutura básica universal da Igreja Católica como instituição? É uma coisa medieval, que supõe que as pessoas se aproximam graças à proximidade geográfica chamada Paróquia. O retalhamento da face do planeta Terra em Paróquias é ótimo pro período medieval, em que você só tinha contato com quem estava dentro do seu circuito geográfico. Tanto que os europeus não sabiam que existiam milhões de indígenas na América Latina. Eles achavam que não existiam. A Paróquia aí tinha sentido. Agora, que sentido tem a Paróquia, quando você em Montevideo, a sua melhor amiga mora em Tóquio, e você fala com ela pela internet, pelo Skype todo dia. Que sentido tem isso? Ou seja, sequer a Igreja domina os novos meios de comunicação... Eu

tenho vergonha quando vejo a televisão católica aqui do Brasil. Eu me lembro da minha avó rezando o terço pelo rádio, aí tinha sentido, porque pelo rádio é só voz. Agora você vê um bando de pessoas rezando o terço na imagem da TV, paradas ali, claro que não dá pra... tem que ser muito devoto da TV pra ficar ligado e não mudar de canal. Muito devoto da TV! Porque senão... e aí não tem audiência... Mas por que os programas das pentecostais têm uma enorme audiência? Tem programas aqui no Brasil que ficam 8 horas seguidas no ar... Porque eles dominam a linguagem magnética. Vocês podem não concordar com o conteúdo, é outra coisa, mas que eles dominam a linguagem magnética, dominam. Bem, vamos terminar este primeiro bloco com a leitura de Marcos, capítulo 2, versículos 23 a 28:

(40:29)

"Num dia de sábado, Jesus passava por um campo de trigo. Os discípulos abriam caminho, e arrancavam as espigas. Os fariseus perguntaram a Jesus: Por que teus discípulos fazem o que não é permitido fazer em dias de sábado? Jesus respondeu aos fariseus: vocês nunca leram o que Davi e seus companheiros fizeram quando estavam passando necessidade e sentindo fome? Davi entrou na casa de Deus no tempo em que Abiatar era sumo-sacerdote e comeu os pães oferecidos a Deus e os deu também a seus companheiros. No entanto só os sacerdotes podem comer destes pães. E Jesus acrescentou: o sábado foi feito para servir ao homem e não o homem para servir ao sábado. Portanto o filho do Homem é senhor até mesmo do sábado. "

Porque que eu escolhi este texto? Porque este é um texto que mostra de uma maneira muito clara que os direitos dos pobres estão acima de todos os direitos da Igreja, da tradição cristã, de tudo o que pode ser considerado sagrado. Voltando ao texto: era sábado, um dia sagrado, em que não se podia trabalhar. Jesus e os discípulos colheram espigas. Os fariseus apanharam o grupo de Jesus em flagrante, num delito sagrado. Jesus, como não era bobo, em vez dele se justificar, mas isso não ia adiantar nada porque os fariseus não o respeitavam, apela para o exemplo de alguém que os fariseus respeitavam, que era Davi. E diz a eles: vocês não se lembram? Davi fez pior do que estou fazendo. Davi e seus companheiros não entraram num campo de trigo pra colher espigas. Eles entraram na Igreja, abriram o sacrário, pegaram as óstias e comeram porque estavam com fome. É exatamente isso que Jesus fala, né: no tempo em que Abiatar era sumo-sacerdote e comeu os pães oferecidos a Deus e os deu também a seus companheiros. No entanto só os sacerdotes podem comer destes pães. Ou seja, a fome, que é o mais básico de todos os direitos humanos, saciar a fome, está acima de todo o sábado, ou seja, de tudo aquilo que a gente possa considerar sagrado.

Nós estamos frente a estes desafios neste mundo complexo. Este é um mundo para todos, ou é um mundo em que a grande maioria está privada do dom maior de Deus que é a vida? O dom maior de Deus não é a Teologia da Libertação, não é Opus Dei, não é a Renovação Cristã, não é o Vaticano, é a Vida. "Eu vim para que todos tenham vida e vida em abundância. "

(Bloco 2)

Passamos pro segundo bloco: O chamado

(44:18)

O texto é Marcos, capítulo 10, versículos 17 a 22.

Nos quatro evangelhos, duas perguntas são feitas a Jesus, e somente duas. Basicamente, né, a grosso modo. Só duas perguntas.

A primeira é: "Senhor o que devo fazer para ganhar a vida eterna?" Eu desafio vocês a encontrarem esta pergunta na boca de um pobre nos quatro evangelhos. Nunca um pobre faz esta pergunta! Esta é a pergunta de todos aqueles que já conquistaram a vida terrena, estão bem de vida, e agora querem saber como investir na poupança celestial. Aqui eu já garanti, eu quero saber do outro lado. É a pergunta de Zaqueu, é a pergunta do homem rico, é a pergunta de Nicodemus, é a pergunta do Doutor da Lei da parábola do bom samaritano... Nunca um pobre faz esta pergunta a Jesus. E todas as vezes que Jesus escuta esta pergunta ele fica irritado. Ele não gosta da pergunta... Ou ele ironiza, como ele fez com Nicodemus: "Você vai ter que nascer de novo." Mas como, eu vou ter que voltar pra barriga da minha mãe? Ou ele devolve a bola, como ele fez com o Doutor da Lei, do bom samaritano: "Você não é tão estudado, vem perguntar pra mim?" Ou seja... ou ele diz pra Zaqueu: "Zaqueu, você é ladrão." Ele vai na casa de Zaqueu, mas denuncia. E Zaqueu fala: "Devolverei quatro vezes mais aquilo que eu roubei. "

A outra pergunta só os pobres fazem, e é a pergunta que agrada a Jesus. "Senhor, o que devo fazer para ter vida nesta vida?" É a pergunta do evangelho de hoje, que Maria faz a Jesus. "Eu quero meu irmão de volta nesta vida, eu quero Lázaro vivo. "; "A minha mão está seca e eu quero ela sadia porque eu preciso trabalhar." ; " O meu olho está cego e eu quero enxergar. " ; " A minha perna está parálitica e eu quero andar. " Os pobres pedem vida nesta vida! E Jesus acolhe com compaixão e misericórdia. Porque "eu vim para que todos tenham vida, e vida em abundância. "

Ora, o chamado de Jesus é o chamado do dom maior de Deus, que é o chamado da vida. Hoje a gente discutia na mesa do café, como velhos conceitos teológicos ainda pesam na nossa Igreja. Até porque na Igreja Católica é uma das raras Igrejas cristãs que não faz a atualização catequética dos seus fiéis. Então a maioria dos fiéis permanece a vida inteira com aquela catequese infantil, toda cheia de mitos ou conceitos já superados, e um deles é o conceito de Santo Anselmo do sacrifício expiatório. Você imagina lá um Deus barbudo, que se sentiu tão ofendido com o pecado humano que só mesmo matando o próprio filho pra expiar a ofensa que ele sentiu. Que é a mesma interpretação tradicional do sacrifício de Abraão, do sacrifício de Isaac por Abraão. Abraão acreditou num Deus, mas um Deus que tinha fome de sangue, que pediu pra Abraão: olha, eu quero teu filho. Desafiou Abraão, que esperou até a velhice pra ter um único filho, a matar o filho, para saciar este Deus sanguinário, que põe à prova os seus fiéis, pedindo o maior dom de vida que eles têm, um filho. E Deus vê que Abraão está disposto e fala: não, não precisa chegar às vias de fato.

Bem, qual é a leitura que a gente faz hoje? A leitura é a seguinte: Abraão, ele migrou de Ur da Caldéia para a atual Terra Santa. Ele fazia parte de um povo politeísta. E como acontece com todos nós que mudamos de idéia mas não mudamos facilmente de atitude... Basta dizer quando a gente se propõe a emagrecer, né? A gente muda de idéia, mas senta na mesa... e haja sobremesa, né? É difícil mudar a atitude.

E o pobre do Abraão também, ele mudou de idéia, descobriu um Deus único, Javé, mas ele não mudou de ritos e na tradição politeísta da Caldéia as primícias eram sacrificadas para os Deuses. E também a primícia humana, o primeiro filho. A grande revolução de Abraão foi descobrir que este novo Deus era o Deus da vida e rejeitou o sacrifício anacrônico que ele queria oferecer. Tanto que Abraão depois teve que fugir pra não ser pego como herege. Porque não realizou o sacrifício. Então o problema não estava em Javé, o problema estava em Abraão. Mesma coisa Jesus, como é que Jesus morreu? Jesus morreu exatamente como tantos prisioneiros políticos morreram na América Latina. No reino de César ele anunciava o reino de Deus, negando o poder e a divindade de César. Foi preso, torturado e aplicaram nele a pena de morte dos romanos que é a cruz. Portanto quando me perguntam por que eu me meto em política eu digo: porque eu sou discípulo de um prisioneiro político. Simplesmente. Jesus não morreu nem de hepatite na cama, nem de desastre de camelo numa esquina de Jerusalém. A pergunta é outra: que qualidade de fé eu tenho hoje e não incomoda a ninguém e a nenhum sistema? A pergunta é outra! Por que? Porque nós temos fé em Jesus, mas será que nós temos a fé de Jesus? Esta é a questão! A questão não é ter fé em Jesus, mas ter a fé de

Jesus. Então nós somos chamados a ter esta fé de Jesus, que é uma fé que coloca no centro o amor de Deus na defesa intransigente da vida. Deus é amor. E este amor se manifesta em tudo aquilo que produz, multiplica, aprimora, melhora a vida.

(53:28)

Ou seja, o cristão é alguém que jamais compactua com aquilo que ofende, suprime, oprime, exclui, discrimina, a vida. Porque a vida é o dom de Deus, e é esta defesa da vida que justificou até a " profanação de Davi " no templo do sacerdote Abiatar, é esta defesa da vida que tanto agrada a Deus, e foi o que fez Jesus.

Marcos, capítulo 10, versículos 17 a 22:

" Quando Jesus saiu de novo a caminhar, um homem foi correndo, ajoelhou-se diante dele e perguntou: Bom Mestre, o que devo fazer para ganhar a vida eterna? "

Está aí a pergunta, né?

"Jesus respondeu: Por que você me chama de bom? Só Deus é bom e ninguém mais. "

Jesus não gostou da pergunta! Como quem diz: não vem me bajular não porque...

" Você conhece os mandamentos: "

Agora conte nos dedos a lista de mandamentos de Jesus.

" Não mate, não cometa adultério, não roube, não levante falso testemunho, não engane, honre teu pai e tua mãe. "

Quantos são os mandamentos? (Seis) E no catecismo vocês aprenderam que são quantos? (Dez)

O que prova que Jesus não fez uma boa catequese!

E na resposta dele, há dois erros graves: o primeiro... o Frei Carmelita que fez a minha catequese lá em Belo Horizonte me teria expulso da sala. Primeiro porque a lista é incompleta. Os mandamentos são dez e Jesus só falou seis. Agora, o que é mais grave: nenhum deles fala de Deus!

Vou repetir a leitura: " Não mate, não cometa adultério, não roube, não levante falso testemunho, não engane, honre teu pai e tua mãe. "

Isso, com o preceito de amor aos inimigos, é a maior revolução do cristianismo. É uma religião em que quem ama o próximo, ainda que não creia em Deus, ama a Deus. A recíproca não é verdadeira. Isto é revolucionário, tanto que muitos, diz o capítulo 25 de Mateus: "-eu tive pão e me destes de comer! -quando foi Senhor?"

Quando eu tava preso na ditadura militar aqui no Brasil, durante quatro anos, eu era cristão cercado de comunistas por todos os lados, comunistas ateus. E vira e mexe queriam debater comigo questões de fé. Diziam: Betto, como é que você acredita? Você acredita em vida eterna? Eu dizia pra eles o seguinte: Eu tenho tanta certeza de que vocês vão pro céu, que vamos combinar o seguinte? Vamos discutir agora o fim da ditadura no Brasil. Depois, na eternidade, nós vamos ter todo o tempo do mundo pra discutir estas coisas. Não precisamos agora de ficar falando disso.

Mas é verdade, porque eram homens... Eu, como religioso, ficava com muita vergonha da vida religiosa. Porque eram homens com mulheres e filhos e que dedicaram as suas vidas... Eu conheci alguns que eram a décima vez que vinham presos... Já tinham sido presos desde a ditadura de Vargas, dos anos 40 no Brasil... Por amor aos pobres! Arriscando a vida, sendo torturados, muitos foram mortos, por amor a um mundo melhor. São aqueles que "eu tive fome e me destes de comer, eu tive sede e me destes de beber. "

" O home respondeu: Mestre, desde jovem tenho observado todas estas coisas. "

Quem de nós pode falar o mesmo? Quem de nós? O homem era um santo! Era um santo, pra mim era. Agora, versículo 21: é uma das raras ocasiões na Bíblia em que o autor registra num gesto a subjetividade do protagonista.

" Jesus olhou para ele com amor. " Marcos registra isso...

" Jesus olhou para ele com amor e disse: falta só uma coisa pra você fazer. Vá, venda tudo, dê o dinheiro aos pobre e você terá um tesouro no céu. Depois venha e siga-me. Ao ouvir isso o homem ficou abatido e triste, e foi embora porque era muito rico. "

Ou seja... primeiro, o amor de Jesus não tem nada a ver com o nosso conceito corrente de amor. Amar é querer o bem do outro, ainda que isso doa na gente e no outro. Amar é ser verdadeiro para com o outro. Segundo, o azar deste homem foi Jesus não ter nascido em Minas Gerais, como eu nasci. Porque nós, mineiros, tudo a gente dá um jeito de achar uma concordância. Se Jesus tivesse nascido em Minas Gerais, teria dito pro homem: você é um santo, desde pequeno você observa isso... vem, fica com a gente que com o tempo você vai melhorando. Mas como Jesus era um galileu radical, no sentido de ir à raiz, disse: olha aqui cara, primeiro você tem que assumir a causa dos pobres. Depois você vem e me segue. E não há meio de ser adepto de Jesus no Evangelho sem primeiro assumir a causa de justiça dos pobres.

(Bloco 3)

E é sobre isto que a gente vai falar neste terceiro bloco,

(1:00:45)

nas ações, que têm como evangelho a parábola do Bom Samaritano, de Lucas capítulo 10, versículos 25 a 37.

O que fazer diante deste mundo, diante desses impasses, dainte deste neo-liberalismo, diante de uma Igreja que foi cúmplice da colônia, cúmplice das elites latino-americanas que tanto exploraram, diante de uma Igreja que só recentemente reconheceu - e depois dizem que Papa não erra, né - os seus graves erros ao condenar Galileu, ao condenar Darwin, e nós dominicanos estamos esperando que o Papa também reconheça (seus erros) ao condenar Giordano Bruno, Savonarola, enfim... O que fazer diante deste mundo?

O primeiro desafio nosso é a luta pelo novo paradigma. Se o período medieval teve a fé e o moderno teve a razão, qual será o paradigma da pós-modernidade? Tem dois em luta, um com muito mais força do que o outro. O que tem muito mais força é o mercado. Há hoje uma cultura de mercantilização de todas as dimensões da vida. Tudo é mercantilizável. Se o Descartes dizia: penso logo existo, agora é: consumo, logo existo. E quem não consome não existe. De modo que houve uma inversão total de valores. antes era o ser humano que imprimia valor aos objetos: Betto usa

esta camisa porque esta camisa, que é um objeto, facilita sua sociabilidade com vocês que estão também com seus trajes. Agora não, é o contrário. É a camisa que me imprime valor, tanto que a etiqueta com a grife fica do lado de fora, para que você veja o valor que eu tenho. Dito de outro modo: se eu chego na sua casa a pé, eu tenho um valor Z, se eu chego no último modelo de BMW ou Mercedes Benz, eu tenho um valor A. Eu sou a mesma pessoa... mas é a mercadoria que me reveste que me imprime mais ou menos valor. O que leva esta juventude a entrar de cabeça no desespero, na depressão e na droga. Por que? Porque a publicidade não faz distinção de classe. A única coisa socialista do sistema capitalista é a publicidade. É a única coisa socialista... ela socializa o desejo. E assim como ela causa impacto na família muito rica, ela causa impacto na família muito pobre da favela. O mesmo impacto. O jovem da favela sabe que ele só será alguém se ele tiver acesso àqueles bens que estão imantados de valor e que farão dele alguém respeitado, admirado, invejado. E se ele não pode ir pelos meios lícitos, ele vai pelos meios ilícitos, mas ele vai. Porque o pior é suportar e sentir que não é ninguém, que é um ser descartável, socialmente descartável.

Aliás eu vi uma pesquisa que saiu nesta semana, vocês olham (podem olhar) na internet. O que é o cérebro de uma criança de três anos que é amada e o que é o cérebro de uma criança de três anos que não é amada. É como se fosse assim um negócio deste tamanho (grande) o da amada e deste tamanho (pequena) o da não amada. Como é que tem um efeito fisiológico o fato desta criança receber o olhar amoroso ou o olhar da indiferença ou desamoroso.

Então, frente a este mundo, nós temos primeiro que organizar a esperança. Por que? Porque diante do risco do mercado ser o grande paradigma da pós-modernidade, temos que lutar para que o paradigma seja a globalização da solidariedade. Aliás não existe globalização. O que existe no mundo hoje é globo-colonização. A imposição ao planeta de um modelo anglo-saxônico de sociedade. Então o que existe é globo-colonização. Nós estamos sendo globo-colonizados através da mídia, que é toda ela monitorada da Europa Ocidental e dos Estados Unidos. O que é bom, o que é certo, o que é errado, o que é valor, é tudo determinado por esta mídia. Então nós temos que, como cristãos, como pessoas de esperança, como discípulos de Jesus, ter a esperança que o Evangelho nos infunde, a esperança Abraâmica, esperara contra toda a esperança, de que, ainda que não participemos da colheita, vale a pena morrer semeando. Eu digo aos meus amigos: eu hoje já não tenho a ilusão de participar da colheita, mas eu faço questão de morrer semente. Então isso é esperança, e é preciso organizar as pessoas que tem esperança, fazer isso que vocês estão fazendo, no MIAMSI, nos círculos bíblicos, nas comunidades, nos grupos alternativos de igreja, enfim, organizar a esperança.

Como organizar a esperança? Na opção pelos pobres. Porque optar pelos pobres? Porque eles são melhores que os ricos? De modo algum. Eu, que vivi no mundo dos ricos, da classe média, e no mundo dos pobres, seja, pelos dois anos dos quatro que fiquei preso eu fiquei entre presos comuns, no mesmo regime deles, seja depois pelos cinco anos morando numa favela em Vitória, no Espírito Santo, seja pelos meus trabalhos com movimento social, e descobri que entre os pobres, de classe média e ricos existem as mesmas pessoas. Pessoas solidárias, pessoas egoístas, pessoas que partilham e pessoas que oprimem, pessoas que são verdadeiras e pessoas que mentem... é tudo igual. Não tem isso de achar que porque é pobre é bonzinho, não tem nada disso. Mas porque que Jesus fez a opção por eles? Porque no projeto de Deus não está previsto alguém viver em carência de bens essenciais à vida. Não é porque os pobres são melhores que os ricos, é porque os pobres são pobres, e não há ninguém pobre, há empobrecidos. Ninguém escolheu ficar pobre, foram todos levados involuntária e injustamente à pobreza. E todo pobre quer sair o quanto antes da pobreza. Pela loteria, pelo crime, pela igreja da esquina, da teoria da prosperidade. Os únicos que gostam de pobreza são os religiosos que fazem voto e assim mesmo não vivem, só fazem o voto.

E não há na Bíblia um único versículo que diga que a pobreza é agradável aos olhos de Deus. A pobreza é um mal! É resultado da injustiça. A Bíblia diz que Deus se coloca do lado dos pobres justamente porque eles são vítimas da injustiça. Mas não porque a pobreza em si é um bem. A

pobreza é um mal, resultado de que alguém acumulou demasiadamente e excluiu os demais. Eu até, quando eu chegar a Cardeal da Congregação dos Religiosos, minha primeira medida vai ser mudar os nomes dos votos. Em vez de pobreza, castidade e obediência, que são três denominações terríveis, que afastam qualquer jovem da vocação religiosa hoje... Em vez de pobreza compromisso com a justiça. Sabe? Porque quando uma comunidade religiosa se compromete com a justiça, não dá pra ter luxo não. Né? Em vez de castidade, que soa como castração, compromisso de gratuidade no amor. O religioso não deixa de casar porque o celibato é mais meritório que o estado matrimonial, isto tudo é bobagem. Ele deixa de casar porque ele quer fazer uma doação de risco, como foi o caso de Jesus. Muita gente diz: ah mas Jesus foi celibatário. Não porque ele considerava o celibato melhor, se fosse assim não teria escolhido Pedro, que era casado, pra ser apóstolo e muito menos pra ser o chefe dos apóstolos. Já no primeiro capítulo de Marcos (diz) que Jesus curou a sogra de Pedro. Se Pedro gostou, a gente sabe que não. Porque Pedro tava já esperando que a velha morresse. E Jesus chegou na casa dele, curou a velha, então Pedro na paixão se vingando Jesus. Aí depois eles acertaram os ponteiros. Né? O que derruba o argumento de que não pode haver padre casado, ou mulher casada ser sacerdote, enfim, isto tudo é bobagem. Eu Não vou entrar nisso não. Mas o fato é que, se nós queremos organizar a esperança, nós temos que fazer a opção pelos pobres. E a opção pelos pobres o quê que é? É manter vínculo com movimentos populares. Isto é que é a opção pelos pobres hoje. Não é mudar de casa e ir lá pra favela, morar lá como eu fiz, não é isso. Isso já foi uma fase. A questão mais exigente é manter vínculo com os movimentos dos pobres, negros, indígenas, mulheres, excluídos, homossexuais, todos aqueles que lutam por direitos humanos. Estar vinculado a estes movimentos. Estes movimentos vão nos levar a saber o que é viver no despojamento. Eu quando morava na favela iam lá os religiosos amigos meus: ah, a gente também está pensando em vir pro meio dos pobres, Betto, e quer saber se pode ter uma televisão colorida ou ter que ser em preto e branco, a geladeira pode ser grande, ter congelador, ou pequena de hotel. Eu falava: olha aqui, o critério é outro meu amigo. Você pode ter tudo aquilo que facilita a sua comunhão com a comunidade. E não pode ter nada daquilo que dificulta a sua comunhão com a comunidade. Este é o critério. Tanto que quando eu morava em Vitória eu não podia ter carro. Na favela tinha dois moradores que tinham carro, um taxista e um outro lá que tinha um carro. Era um alto luxo alguém ter carro. Agora, quando eu vim trabalhar em São Paulo com os operários, eu podia ter carro, porque senão seria uma burrice, eu ia perder um tempo infinito pra chegar lá, a 25 km do meu convento, pra chegar lá onde eu trabalhava com os operários. E muitos deles tinham carros. Enfim, o critério é outro, é você primeiro estar vinculado. E é esse vínculo que vai dizer o que é que convém ter ou não ter, como a gente convém viver ou não viver, mas tem que ter vínculo. Como Jesus tinha vínculo. Jesus estava vinculado a uma comunidade de artesãos, de pescadores, mas ele não recusava a frequentar as casas dos ricos, aos banquetes... O Evangelho dá... Jesus não tinha pré-conceito à pessoa. Mas ele tinha uma definição de qual era o rumo fundamental da vida dele. E do lado de quem prioritariamente ele se colocava. Por isso ele não rejeitou o homem rico, ele só falou pro homem rico que antes ele precisava ter um vínculo, para depois se sentir parte do grupo de discípulos.

Dentro destes vínculos, dentro das ações, da esperança organizada, nós temos três grandes desafios neste tempo de pós-modernidade.

Primeiro a defesa intransigente dos direitos humanos. E devo dizer uma coisa aqui terrível, que muito poucos católicos sabem: a declaração universal dos direitos humanos foi assinada em 1948, na ONU, e apenas cinco estados negaram a assinatura, um deles o estado do Vaticano, que até hoje não assinou a declaração. É bom que a gente saiba disso. Primeiro porque ela não fala em Deus, foi um dos argumentos, segundo porque ela tem um perfil positivista e etc. Lembrem-se que era a Igreja de Pio XII, uma Igreja totalmente centrada em si mesma como instituição e sem sensibilidade para o mundo dos pobres, da colonização, enfim, com posições muito ambíguas, diante do conflito da segunda guerra... A Igreja até hoje não assinou a carta dos direitos humanos.

Segundo, a questão ambiental. A questão ambiental é uma questão política, porque, de todos os seres vivos o mais ameaçado de extinção é o ser humano. É o ser humano. As pessoas continuam morrendo de fome, morrendo de AIDS, morrendo de opressão, morrendo de guerra, morrendo de doenças que são facilmente curáveis... por falta de saneamento. Se você vai à Califórnia, você vai encontrar a fundação Elizabeth Taylor contra a AIDS. Ótimo que esta atriz tenha dedicado a sua fortuna à cura da AIDS. Mas por que não existe a fundação Elizabeth Taylor contra a fome, se a fome mata muito mais do que a AIDS? Porque a fome faz distinção de classe, e a AIDS não. A fome só ameaça os pobres, então nós, que nunca vamos ter esta ameaça, não nos preocupamos, isto é problema deles. E a fome não é ausência de alimento, a fome é carência de nutrientes básicos, aqui no Nordeste do Brasil a fome é gorda. Porque os meninos têm tanto verme na barriga que eles têm barriga grande, chamada barriga d'água. E você passa e fala: como têm fome, eles são gordinhos. Que gordinhos, eles estão cheios de vermes! Eles estão com distúrbios glandulares, por falta de nutrientes básicos.

E o terceiro desafio hoje é a questão da ética. Meu horário esgotou e eu vou ser rapidinho nisso. A ética, desde que o ser humano existe, há 250 mil anos, a ética, a moral, derivam do oráculo dos deuses. Quem é que diz, na nossa aldeia, que o comportamento deve ser assim e não de outra maneira? Os deuses, através dos seus representantes: o xamã, o cacique, o feiticeiro, o sacerdote, eles são os oráculos divinos. Acontece que nós somos a primeira geração, na história do ocidente, que abandonou a noção de pecado.

(1:21:12)

Ela hoje não preocupa ninguém. E a ética do ocidente era muito condicionada pela culpabilidade do pecado., desta categoria religiosa, e vocês que são já, como eu, já passaram da idade média, têm algum filho ou algum neto preocupado com o pecado? Há vó, olha, eu ando pecando muito, tou muito culpado, me arruma um padre pra eu me confessar... Então nós estamos no meio do rio. Nós abandonamos a margem de uma cultura onde a moral e a ética se baseavam numa noção de pecado e ainda não chegamos à outra margem, que é a margem socrática. E por que eu chamo de socrática? Porque Sócrates olhou para o céu dos gregos, que é o Olimpo, e viu que aquilo, dali não podia tirar nenhuma noção de ética ou moral, que aquilo era uma zorra total, uma promiscuidade geral, um escândalo fenomenal. E ele teve a lucidez de falar: já que eu não posso tirar lá de cima, eu tenho que tirar de onde? Da razão humana. E foi assassinado, condenado como herege, por pensar assim e ensinar assim aos jovens. E aí de novo a noção religiosa de pecado voltou a predominar. E agora nós temos, por isso nós estamos no limbo moral, no mundo de hoje, no ocidente, no oriente não porque tem outras raízes. Mas, no ocidente, ninguém está preocupado hoje com moralidade, com ética, com nada, aí sim é uma relativização total dos valores. E este é um desafio pra nós. A ética da solidariedade, a ética da responsabilidade, a ética da convicção, dos valores, a ética da tolerância, de como eu vivo, os meus valores, mas sem querer colonizar o outro, sendo tolerante com os valores do outro que não coincidem com os meus, desde que eles não sejam ofensivos à vida, ao dom maior de Deus, então, absolvições (?) pra nova evangelização.

Este texto de Lucas, que eu não vou ler, que é o texto do Bom Samaritano, eu só quero lembrar que é um texto que nos orienta na nova evangelização. Por que? Porque é uma crítica de Jesus à Igreja. Só lembrado: um homem descia de Jerusalém à Jericó. O pobre do homem não tinha cheque, não tinha cartão de crédito, não tinha transferência bancária por internet, caixa eletrônico. Então, Jerusalém tinha 20 mil habitantes. Nas três grandes festas esta população chegava a 100 mil habitantes. E os comerciantes vendiam e traziam o dinheiro pelas estradas. Vendiam seus produtos como vendem nos santuários da América Latina. E foram assaltados. Ele foi assaltado. Aí Jesus diz que passou um sacerdote, indiferente ao homem caído, machucado na estrada. Depois passou um levita, que era um religioso da época, também indiferente. E aí vem um samaritano. Jesus está falando isso para um doutor da Lei, um teólogo judeu que tinha horror a samaritano, horror! E Jesus fala: pois é, vinha um samaritano. E acolheu o homem, cuidou, pôs numa hospedaria, pagou, e

falou, olha, na volta eu te pago mais se precisar, etc e tal. E no fim Jesus pergunta: qual dos três você acha que foi o próximo dele? O doutro da Lei não diz o samaritano, porque falar a palavra samaritano já era cometer um pecado da língua, não podia sequer falar a palavra. Aquele que teve misericórdia para com ele. Pois então você vai e faça a mesma coisa. Ele dá o samaritano, como exemplo de atitude, àquele que o samaritano tinha como inimigo. É como você dar pro Monsenhor Lefèvre, como exemplo de atitude cristã, Ernesto Che Guevara. Você pode saber o escândalo que você ia provocar... Já morreu, mas morreria antes se você tivesse dito isto. Ou pro Cardeal Ottaviani. Não, Ernesto Che Guevara.

Eu tenho informações que Lucas não tinha. Lucas foi um pouco impiedoso com este sacerdote. Porque o sacerdote, não foi por indiferença que ele não parou, foi porque ele tinha uma missa em Jerusalém às 6 da tarde e ele não queria chegar atrasado. Ele chegou na missa, na oração dos fiéis ele pediu a oração por um homem que eu vi, caído, à beira da estrada. Terminou a missa, ele telefonou pro diretor do hospital das clínicas de Jerusalém e pediu uma ambulância pra buscar o homem. Acontece que Lucas, já influenciado pela teologia da Libertação, não considerou as intenções do sacerdote. A mesma coisa o levita. O levita fazia o caminho contrário, ele ia pra Jericó. E no convento dele, o ofício divino era às 7 da noite. E ele não queria chegar atrasado. Mas ele chegou e pediu à comunidade, aqui olha, vamos rezar por um homem que eu vi caído à beira da estrada, né, até celebraram missa no dia seguinte. Então, Lucas, já influenciado pelo Marxismo, só levou em conta a praticis do samaritano. Esse é o problema da injustiça com o pobre do sacerdote e o pobre do levita.

(1:28:40)

(...)

(1:35:58)

Muito obrigado, bom trabalho.